



ADAUTO GONDIM

O nome era Adauto Soares Godinho... Mas, ao começar sua vida literária, publicando seus primeiros trabalhos na "Gazeta de Notícias", de Fortaleza, os tipógrafos implicaram com o "Godinho" e abreviavam para *Gondim*. E o nosso poeta não contrariou o desejo dos tipógrafos e passou a assinar as suas trovas como *Adauto Gondim*.

Nasceu no sítio Andreza, a 12 quilômetros de Pedra Branca, sobre a Serra de Santa Rita, na parte central do Ceará, no dia 17 de janeiro de 1915. Filho de José Soares Godinho e Narsária Soares de Nazaré Adauto é antigo jornalista, foi Delegado Regional de Ensino e estudante de Direito. Em



Direitos exclusivos em língua portuguesa (Brasil, Portugal e colônias) da presente Coleção, adquiridos pela Casa Editora Vecchi Ltda., Rio de Janeiro.

Printed in Brazil.

MCMLXIII

1953, disse-me com muito humor que já interrompera seus estudos quatro vezes mas nem que fosse aos setenta anos teria que se formar... Nessa conversa — gravada em fita — Adauto Gondim com seu espírito jovial e simples, contou-me passagens pitorescas de sua vida e falou muito sobre trovas e trovadores. Grande apreciador do folclore, refere-se com admiração a Leonardo Motta, aos cantadores populares Cego Aderaldo, Anselmo, Jacob Passarinho. Aos trovadores, já falecidos, de sua terra: Antônio Sales, Vital Bizarria, Alvaro Martins, Júlio Brandão, e aos vivos: Cruz Filho, Filgueiras Lima, Júlio Maciel, Stefânia Bezerra, Augusta Campos e outros.

Há uns vinte e cinco anos, mais ou menos, li uma trova no Correio da Manhã. ("Para o Album de Mlle...") e que trazia o nome — naquela época ainda desconhecido para mim: Adauto Gondim. Gostei da simplicidade, fluência e concepção da quadra:

"Saudade — alívio das dores.
E dentro da alma se estampa
como um canteiro de flores
plantado sobre uma campã."

Decorei a trova e guardei o nome do autor. Foi ela pois, o cartão de visita de Adauto. Somente alguns anos mais tarde, conversando com o poeta Elmo Elton, pude localizar o poeta Adauto Gondim no Ceará. E, desde então, mantivemos uma constante correspondência e foi crescendo nossa amizade. Mas, é claro, que ao escrever estas linhas de introdução ao livro de Cem Trovas de Adauto Gondim não é somente o amigo que fala mas, sobretudo, o antigo pesquisador e apreciador de trovas.

Em 1951, divulgando as trovas do poeta de Pedra Branca pela Imprensa do Brasil e de Portugal, assim escrevi numa página mimeografada:

"E' um primoroso trovador. Suas trovas são repletas de doçura, harmonia e sentimento. De grande espontaneidade, talento e fecundidade, Adauto Gondim é um dos maiores trovadores vivos do Brasil."

Cada leitor escolherá, entre as cem, as trovas de seu agrado. Mas não resisto à tentação de apontar algumas. Esta, tão singela e emotiva:

"Da minha vida mesquinha
suporto as dores cantando,
pois minha mãe — coitadinha! —
não pode me ver chorando."

Se, na que leram é o filho amoroso
que fala, nesta outra é o esposo e o
pai que confia:

"Meu destino de troveiro
foi o lar que Deus me deu,
minha filha e um jasmineiro
plantado num chão que é meu."

As vezes usa também a ironia:

"Nunca me chames de ingrato
porque com outra casei:
podia eu, metal barato,
dar liga a ouro de lei?"

Conta Aduauto, com muita graça, na-
quêle seu sotaque de nortista, o seguin-
te: Certa ocasião convidaram-no para
assistir a uma festa de casamento. No
meio da festa, sabendo das suas quali-
dades de trovador, começaram a insis-
tir para que dissesse uma trova dedi-
cada aos noivos. Tanto foi a insistência
que o nosso trovador saiu-se com esta:

"Lá vem os noivos chegando...
Assisto a festa... E, depois,
fico, invejoso, pensando
na festa só deles..."

E à minha pergunta se houvera pro-
testo ou silêncio ou qual fôra o des-
fecho, respondeu: "Houve silêncio —
como era natural, o noivo ficou rubro
que parecia uma flor de mandacará —
não sei se vocês conhecem o fruto do
mandacará?... parece que o noivo
perdeu o apetite e a festa terminou
mais cedo que estava sendo marca-
do... e eu fiquei desambientado — co-
mo era natural — diante da reação...
mas felizmente terminou em nada..."

Este é o trovador que irão apre-
ciar... Espontâneo, jovial, lírico, sen-
timental.

LUIZ OTAVIO
Rio, 13-II-1963

Páginas seguintes, as 100 Trovas de Aduauto Gondim
digitalização em 19.7.2009

1

Da trova fiz o meu pão
minha cantiga inocente,
a voz do meu coração
e o sentir da minha gente.

2

De meus idílios, o fado
me traz em triste labor:
quanto mais sou desprezado
mais aumenta o meu amor.

3

Prometo dar-te um milhão
de beijos, se me disseres
quem tem o meu coração
que perdi entre as mulheres.

4

Vendo-te assim tão formosa,
de porte esbelto e sereno,
para intrigar uma rosa
chamei-te cravo moreno.

5

Nosso amor, que se renova,
aumenta em tal proporção
que não cabe numa trova
nem dentro do coração.

6

Da distância em que me vejo
quero ir pelos espaços
voando para o teu beijo,
fugindo para os teus braços.

7

Saudade — alívio das dores
e dentro da alma se estampa
qual um canteiro de flores
plantado sobre uma campa.

8

Parece uma coisa louca:
para aumentar meu desejo
eu vejo que tua boca
Deus fez em forma de beijo.

9

Quem tiver a alma doente
não fuja dêste caminho:
recorde a mulher ausente
faça trova e tome vinho.

10

Penso em ti de olhos fechados
e o pensamento **profundo**:
ah! se eu vivesse ao teu lado
para glória do meu mundo!

11

Sôbre minha enfermidade
disse o doutor, com razão;
é o germe de uma saudade
destruindo o coração.

12

No teu jardim, entre flôres,
feliz estou ao teu lado:
meu calendário de dôres
hoje marcou feriado.

13

Rico de amor como eu
não há quem possa igualar,
e o muito que Deus me deu
é pouco para te dar.

14

Mulheres que estão me olhando
pensando no mesmo assunto,
são como freiras rezando
na intenção de um só defunto.

15

Deus pensou em nós. Primeiro,
para esculpir nosso amor,
deu-me uma alma de troveiro,
deu-te ternura de flor.

16

Adoro a treva ao açoite
do vento que não tem dono:
Deus fez o escuro da noite
para a carícia do sono.

17

Não sei de maior pecado:
não sou santo e, como tal,
vi meu retrato guardado
dentro do teu manual.

18

Quando os raios prateados
do luar beijam a noite,
pede a saudade pernoite
nos corações namorados.

19

Meu coração triste e frio,
sofrendo sempre em segredo,
faz lembrar ninho vazio
na solidão do arvoredo.

20

No silêncio da avenida,
passeando pela alfombra,
um casal desenha a sombra
do destino de outra vida.

21

Amor que passou — rosário
de saudade e de ilusão,
folhinha de calendário
que a gente atira no chão.

22

Eu quando tiver certeza
que meu bem já não me quer,
irei matar a tristeza
nos braços de outra mulher.

23

Meu coração, se a esperança
dentro dêle se renova,
se alegra qual a criança
que veste uma roupa nova.

24

Amor-perfeito suponho
se houvesse seria assim:
ela dentro do meu sonho,
seu sonho dentro de mim.

3 — Trovas — 15

25

De feia, se alguém te chama
nunca diz porque razão
à feia, que sente e ama,
Deus também deu coração.

26

Não te valeu Santo Antônio,
teu santo casamenteiro,
recorre agora ao demônio,
procura um catimboseiro.

27

Inverno — a terra se veste
de flôres em profusão,
sòmente a minha alma agreste
vive em eterno verão.

28

Inda recordo, querida,
foi numa noite de lua,
te beijei e a minha vida
se misturou com a tua.

29

Maria, quando eu morrer,
se Jesus me condenar,
deve também se perder
quem tanto me fêz pecar.

30

Só porque vivo te amando,
pelo bem que tu me queres,
eu sei que vivem chorando,
com inveja, outras mulheres.

31

Trouxe o tempo radiosa
nova aurora à tua sina;
botão transformado em rosa,
hoje môça, ontem menina.

32

O tempo com paciência,
roubou meu sonho de Fada,
levou minha adolescência
e envelheceu minha amada.

33

Meu destino de tropeiro
foi o lar que Deus me deu,
minha filha e um jasmineiro
plantado num chão que é meu.

34

Minha vida é uma balança
pesando, com igualdade,
a tua eterna lembrança
e a dor da minha saudade.

35

A dor que minha alma corta
de maneira aguda e infinda,
é ter-te à conta de morta
sabendo que és viva ainda.

36

As trovas que estou compondo,
com a mais ardente emoção,
são aves que vão deixando
o ninho do coração.

37

Eu sei da dor que sacode
tua alma louca de amar,
mas sei também que se pode
fazer essa dor passar.

38

As tuas faces de santa
têm encanto de arrebol
e eu sou o galo que canta
saudando a ti que és meu sol.

39

Tu me negaste carinhos,
fugindo dos meus amôres:
planta velha, com espinhos,
morrê despida de flôres.

40

Dá de graça o que recebes
de graça se diz, em suma,
e o que te peço e me negas
não te custou coisa alguma.

4 — Trovas — 15

41

Eu gosto de ver Maria
a se banhar na lagoa,
qual uma garça bravía
que se enxerga a gente, vòã.

42

Fui à missa e rezei muito,
depois de haver comungado,
deixei a igreja e encontrei-te:
nem Deus evita o pecado.

43

Nunca me chames de ingrato
porque com outra casei:
podia eu, metal barato,
dar liga a ouro de lei?

44

Para quem têm coração
sofrendo por seus amôres,
foi que se fêz violão
e o canto dos trovadores.

45

Quando sôbre a natureza
cai a noite escura e calma,
é como o véu da tristeza
descendo sôbre minha alma.

46

Na minha cova — meu leito
eterno — por caridade
ninguém plante amor perfeito,
dou preferência à saudade.

47

Na história da minha vida
nunca mais falei em dôres
depois que te vi, querida,
na estrada dos meus amôres.

48

A trova é gemido brando,
breve cantiga inocente,
que dizemos suspirando,
pensando na amada ausente.

49

Longe de ti, com certeza,
não suporto a soledade...
Sei que morro de tristeza
que me acabo de saudade.

50

Quando te vejo passando
com teu porte de rainha,
eu suspiro, relembrando
o tempo em que foste minha.

51

Vem a saudade e, num instante,
minha alma triste procura
como um luar deslumbrante
invadindo a noite escura.

52

É verdade que não queres
entender a minha dor,
e eu sei de muitas mulheres
que morrem por meu amor.

53

Guarda a lembrança em meu peito
de extinta felicidade:
se existisse amor perfeito
como seria a saudade?

54

Está tão lindo o luar!
E eu trouxe o meu violão...
Acorda, que vou cantar,
vem ouvir meu coração!

55

Ao pecador abençôa,
curar seus males procura:
vê que a garça também vôa
por cima da lama impura.

56

Nem sempre a face do espelho
mostra exato as dimensões:
há quem dê o bom conselho
com segundas intenções.

5 — Trovas — 15

57

Meu amor em ti não medra,
quem procura teus carinhos
atira flôres em pedra
dá beijos para os espinhos.

58

Tua promessa dourada,
que me fizeste à partida,
é promissória assinada,
sem endôso e já vencida.

59

Meu coração delirante
muitas mulheres amou
e, embora tão inconstante,
perto de ti sossegou.

60

Nas minhas faces desnudas
eu recebi, com pavor,
teu beijo como o de Judas
vendendo Nosso Senhor.

61

No cofre do pensamento
tranquei a minha paixão,
e a chave, por meu tormento,
foi cair na tua mão.

62

De quem favores te pede
nunca procures fugir:
só sabe a dor de quem pede
quem precisa e vai pedir.

63

“Não mais te tenho amizade”
Mandei-te, um dia, dizer.
Mas só Deus sabe a saudade
que sinto por não te ver...

64

Da minha vida mesquinha
suporto as dôres cantando,
pois minha mãe — coitadinha! —
não pode me ver chorando.

65

Por mais que ocultes e prendas
eu sei que trazes, formosa,
nos seios, por entre rendas,
dois lindos botões de rosa...

66

Meu coração sem carinho
de teu amor, que tormento!
É qual se fôsse um moinho
parando à falta de vento.

67

Do amor que trago na mente
confesso que nada espero:
— Ela não diz o que sente,
nem eu revelo o que quero...

68

Destaco a minha folhinha
quando o sol nascendo vem:
o calendário da vida
mais um dia a menos tem...

69

Lá vem os noivos chegando...
Assisto a festa... E, depois,
fico, invejoso, pensando
na festa só dêles dois...

70

Quem nega Deus, dá profundo
mergulho da alma na treva
e, ao morrer, deixando o mundo,
qual a esperança que leva?...

71

Procura fazer o bem,
que é fonte das harmonias,
não faças nunca a ninguém
o mal que tu não querias

72

Dos negros pecados teus,
que Satã fez seu tesouro,
tu pedes perdão a Deus
através de um têrço de ouro.

73

Blusa verde, saia rubra,
no teu corpo de criança:
o rubro é meu desespêro,
o verde a minha esperança.

74

Teus olhos que já entendem
a minha ardente paixão,
são olhos que me suspendem
um palmo acima do chão.

75

Dou-te a prova, como queres,
do meu grande amor, querida:
entre as mais lindas mulheres
fôste minha preferida...

76

Teu coração, já tristonho,
vive num sono profundo:
desperta! dou-te o meu sonho,
vamos fazer outro mundo...

77

Vou beirando um precipício
quando recebo os teus beijos:
sinto em tua bôca o início
do fogo dos meus desejos.

78

Teu olhar sereno e terno
sôbre os meus olhos pousou,
qual chuva de fim de inverno
num campo que já secou.

79

Ela diz a tôda gente
que me adora e me quer bem,
mas, o que meu peito sente
nunca direi a ninguém.

80

Vibrando as cordas do pinho,
tu pedes para eu cantar:
só canto se tomar vinho
e se a noite fôr de luar...

81

Minha alma a tristeza invade,
quando a tarde vai no fim,
e eu fico a sentir saudade
de quem não sente de mim.

82

Saudade — é tarde a findar,
é amor que se acabou,
é desejo de voltar
ao tempo que já passou.

83

Como a nuvem que no espaço
em fumaça se desfaz,
são os castelos que faço,
são meus sonhos de rapaz.

84

Quando deixei minha terra,
em noite de lua cheia,
trouxe saudades da serra,
da gente de minha aldeia...

85

Como a ventura estou vendo
ser também teu coração:
só passa por mim correndo,
nunca me deu atenção!

86

Saudade — doce lembrança,
terna visão do passado,
retalhos de uma esperança
num coração desgraçado.

87

Não há no mundo confôrto
que a gente possa levar
à mãe que vive a chorar
a falta do filho morto.

88

Quem tiver amor desfeito
fique, ao luar, violão,
que as mágoas fogem do peito
e as dôres do coração.

7 — Trovas — 15

89

Quando eu quero transformar
minha vida em paraíso
busco a luz de teu olhar
e o encanto de teu sorriso.

90

Aos pés de Nosso Senhor
eu sei que resas, enfim,
pedindo por nosso amor,
rogando só para mim.

91

Já cantei a imagem tua
em trovas cheias de amor:
nasci em noite de lua,
por isso sou trovador.

92

Teu beijo dado com gosto
na febre desta paixão,
tem calor do sol de agosto
nas várzeas do meu sertão.

93

Ao ver-te deu-se um milagre,
minha alegria é sem fim,
foi-se a noite e hoje se abre
novo sol dentro de mim.

94

Do nosso amor a bonança
terminou, nada mais resta
senão a triste lembrança
que vivo a sentir da festa.

95

Ao som da minha guitarra
peço a Deus o teu carinho,
ter coração de cigarra
e a vida de um passarinho.

96

A trova que, suspirando,
ao pôr do sol escrevi,
é trova que fiz pensando
nuns olhos que não mais vi.

97

Quando sinto o teu perfume
de amôres' fico perdido,
a ponto de ter ciúme
(santo Deus!) do teu marido.

98

O fio d'água correndo
do cume ao sopé da serra
é o leite que está descendo
dos seios virgens da terra.

99

Não há quem pague inocente.
A dor tem sua razão.
Portanto sê paciente
e espera a compensação.

100

Quando a tarde triste e fria
cai sob um céu nevoento,
costumo chamar meu dia
de saudade e de tormento...



Composto e impresso
nas oficinas da
CASA EDITORA VECCHI LTDA.
Rua do Resende, 144
Rio de Janeiro.

Fim